

## FITOTERAPIA TRADICIONAL NA COMUNIDADE DE CARATATEUA (NOROESTE PARÁ) AMAZONIA, BRASIL

Daniel Rosário Sousa<sup>1</sup>  
Gilvan Velozo Correa<sup>2</sup>  
Jones Sousa Moraes<sup>3</sup>  
Lucinaldo Silva Blandtt<sup>4</sup>  
Iracely Rodrigues Silva<sup>5</sup>

### RESUMO

A pesquisa buscou valorizar e preservar saberes tradicionais sobre o uso de plantas medicinais em comunidades amazônicas. Teve como objetivo mapear espécies vegetais com fins terapêuticos na comunidade de Caratateua, contribuindo para o reconhecimento da medicina popular e da biodiversidade local. Utilizou-se a abordagem qualitativa descritiva, no âmbito do projeto “Bacia do Caeté”. A coleta de dados envolveu free listing, entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos e coleta botânica, com participação de pelo menos 10% das famílias, priorizando informantes-chave. Foram identificadas 58 espécies distribuídas em 24 famílias botânicas, com destaque para Lamiaceae, Asteraceae e Euphorbiaceae. A maioria é herbácea, de fácil cultivo e uso cotidiano. As folhas são a parte mais utilizada, principalmente em chás e banhos, para tratar doenças respiratórias, dores e distúrbios circulatórios. Observou-se forte protagonismo feminino na transmissão oral dos saberes, fortalecendo a autonomia local diante das limitações dos serviços de saúde. Conclui-se que os quintais medicinais de Caratateua são um importante patrimônio biocultural, unindo biodiversidade e saberes ancestrais, configurando-se como território de resistência e cuidado coletivo essencial para estratégias de saúde integrativa e conservação socioambiental na Amazônia

**Palavras-Chaves:** Plantas Mediciniais. Saberes Tradicionais. Amazônia

## TRADITIONAL PHYTOTHERAPY IN THE CARATATEUA COMMUNITY (NORTHEAST PARÁ), AMAZON, BRAZIL

### ABSTRACT

The research aimed to value and preserve traditional knowledge related to the use of medicinal plants in Amazonian communities. It sought to map plant species with therapeutic purposes in the Caratateua community, contributing to the recognition of folk medicine and local biodiversity. A descriptive qualitative approach was used within the framework of the “Caeté Basin” project. Data collection involved free listing, semi-structured interviews, photographic records, and botanical sampling, with the participation of at least 10% of households, prioritizing key informants. A total of 58 species were identified, distributed across 24 botanical families, with Lamiaceae, Asteraceae, and Euphorbiaceae

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Naturais, UFPA, Campus de Bragança. Pesquisador de Iniciação Científica do Laboratório de Educação, Meio Ambiente e Saúde (LEMAS), Campus de Bragança, Faculdade de Educação. E-mail: daniel.ciencias.naturais@gmail.com

<sup>2</sup> Professor das Series Iniciais (Secretaria Municipal De Educação- Bragança, PA) . Graduado em Pedagogia (UFPA). Mestre (Programa de Pós Graduação Em Estudos Antrópicos Na Amazônia). Education. E-mail: gilvanpesquisa.81@gmail.com

<sup>3</sup> Técnico Em Gestão Cultural. Pedagogo e Mestre (Programa De Pos Graduação Em Estudos Antrópicos Na Amazônia). E-mail: jhonysmoraes30@gmail.com

<sup>4</sup> Professor/Pesquisador/Doutor (Instituto de Estudos Costeiros/Faculdade de Biologia). Pedagogo (Instituto de Ciências da Educação). Doutor em Ciências Sócioambientais (Núcleo de Altos Estudos Amazônicos). E-mail: lucinaldoblandtt@ufpa.br

<sup>5</sup> Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Bragança. Doutora em Recursos Ambientais Amazônicos (UFPA). Profa Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA/UFPA Castanhal). Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Educação, Meio Ambiente e Saúde (LEMAS/UFPA). E-mail: iracelyrd@gmail.com

standing out. Most are herbaceous, easy to cultivate, and used in daily practices. Leaves are the most frequently used part, mainly in teas and baths, to treat respiratory diseases, pain, and circulatory disorders. A strong female role was observed in the oral transmission of knowledge, reinforcing local autonomy in the face of health service limitations. It is concluded that Caratateua's medicinal gardens represent an important biocultural heritage, merging biodiversity and ancestral knowledge, and functioning as spaces of resistance and collective care essential for integrative health strategies and socio-environmental conservation in the Amazon.

**Keyword: Medicinal Plants. Traditional Knowledge. Amazon**

**Data de submissão:** 03.12.2025

**Data de aprovação:** 16.12.2025

## INTRODUÇÃO

O Brasil concentra aproximadamente 20% da biodiversidade vegetal do planeta, configurando-se como um dos territórios com maior potencial para o desenvolvimento de práticas terapêuticas inovadoras baseadas em produtos naturais (CALIXTO, 2003). Essa expressiva riqueza florística tem sido historicamente utilizada por diferentes povos e culturas, resultando na fusão de saberes indígenas, europeus e africanos (IBIAPINA *et al.*, 2014). A interação entre esses conhecimentos tradicionais e os avanços científicos contemporâneos contribuiu para consolidar a fitoterapia como uma prática sociocultural amplamente aceita, enraizada tanto na tradição oral quanto em evidências científicas.

O uso de plantas medicinais constitui uma prática ancestral amplamente disseminada e representa um dos principais alicerces da medicina tradicional. No Brasil, está profundamente vinculado à cultura popular e, em comunidades rurais e tradicionais, constitui muitas vezes a única alternativa terapêutica acessível para o tratamento de enfermidades e promoção da saúde (BADKE *et al.*, 2012; Pinto; Amoroso; Furlan., 2006). A intensificação da busca por alternativas terapêuticas de origem vegetal decorre não apenas dos altos custos e efeitos adversos de medicamentos sintéticos, mas também da crescente valorização dos produtos naturais no âmbito da saúde pública (BATISTA E VALENÇA, 2012).

Estudos etnofarmacológicos desempenham papel estratégico, fornecendo subsídios para práticas terapêuticas baseadas em evidências (CONENORTE, 2024; FERREIRA; PASA; NUNEZ, 2020). Além de sua relevância cultural, a sistematização desses conhecimentos contribui para a conservação da biodiversidade e para a prospecção de novos fármacos.

A fitoterapia, enquanto terapêutica baseada em princípios ativos exclusivamente vegetais, abrange tanto medicamentos tradicionais reconhecidos pela medicina popular quanto industrializados, produzidos sob rigorosos padrões de qualidade e segurança (RODRIGUES; AMARAL, 2012; ANVISA, 2014). Diante desse cenário, a presente pesquisa justifica-se pela importância de preservar e valorizar o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais, reconhecendo-o como patrimônio imaterial de relevância sociocultural e sanitária. Em comunidades com acesso restrito à medicina convencional, esse saber constitui um recurso terapêutico essencial, além de representar um potencial estratégico para a inovação científica e tecnológica no campo da saúde.

Considerando o contexto da comunidade de Caratateua — localizada em uma área ribeirinha e costeira da Bacia do Rio Caeté. O uso de plantas medicinais constitui uma prática tradicional incorporada ao cotidiano do cuidado com a saúde. Nesse viés, estabeleceu-se a seguinte questão norteadora: quais espécies vegetais são utilizadas pela comunidade em práticas fitoterápicas tradicionais e quais suas principais aplicações terapêuticas? A partir desse questionamento, formulou-se a hipótese de que a população local faz uso de uma ampla diversidade de espécies vegetais, com destaque para aquelas destinadas ao tratamento de

doenças respiratórias, distúrbios digestivos e dores em geral, evidenciando a transmissão intergeracional desse conhecimento. Assim, esta pesquisa tem como objetivo mapear o uso de espécies vegetais com fins terapêuticos nessa comunidade amazônica, contribuindo para a valorização e preservação dos saberes tradicionais, assim como oferecer subsídios para novos estudos na área.

## 1 MEMÓRIA BIOCULTURAL

As comunidades tradicionais possuem um conhecimento ecológico desenvolvido a partir de sua interação direta com os recursos naturais disponíveis nos ecossistemas em que habitam. Na Amazônia, esse conhecimento não apenas orienta o uso e o manejo sustentável das plantas medicinais, mas também desempenha um papel crucial na preservação da biodiversidade (CORREA *et al.*, 2025a; CORREA *et al.*, 2025b; SILVA *et al.*, 2025; SILVA *et al.*, 2024; SANTOS *et al.*, 2020; SILVA *et al.*, 2020; MORAES *et al.*, 2020). Dessa forma, essas comunidades são frequentemente reconhecidas como guardiãs do conhecimento tradicional, sendo fundamentais para a conservação de espécies vegetais e dos saberes associados a elas. Cada prática medicinal representa um conjunto de saberes específicos, que, ao serem transmitidos e adaptados ao longo do tempo, enriquecem o patrimônio biocultural dessas populações.

A memória biocultural pode ser compreendida como um patrimônio coletivo formado por saberes, práticas e experiências que passam de geração em geração, construídos a partir da relação histórica entre comunidades humanas e seus territórios. Essa memória nasce da ligação inseparável entre cultura e ambiente, sustentando modos de vida tradicionais que contribuem diretamente para a conservação da biodiversidade (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Para Santos (2010), valorizá-la significa reconhecer a importância de uma *ecologia de saberes*, na qual o conhecimento tradicional dialoga de forma legítima com o saber científico. Nessa perspectiva, Gudynas (2011) ressalta que essa memória representa também um fundamento ético e político, pois promove a harmonia entre sociedade e natureza como base para formas mais sustentáveis de desenvolvimento.

Nesse contexto, o uso sustentável dos recursos naturais não apenas fortalece o vínculo das populações com seus territórios, mas também assegura a transmissão intergeracional dos saberes fitoterápicos. A memória biocultural dessas comunidades representa um acervo inestimável de conhecimentos acumulados ao longo de gerações. Cada espécie utilizada e cada prática terapêutica guardam significados históricos e culturais, além de potenciais ainda pouco explorados para o desenvolvimento de novos tratamentos e soluções terapêuticas. A relação dessas populações com a natureza traduz-se em modelos de uso sustentável dos recursos, assegurando sua disponibilidade futura (TOLEDO E BARRERA-BASSOLS, 2015).

A transmissão do conhecimento sobre o uso terapêutico das plantas ocorre de geração em geração, mantendo viva a memória biocultural coletiva e garantindo a continuidade de práticas tradicionais de saúde. Esse processo, marcado pela oralidade e pelo cotidiano comunitário, expressa uma relação intrínseca entre cultura, biodiversidade e cuidado (SHARIF *et al.*, 2024; SILVA E SILVA-CASTRO, 2019). Enquanto os povos tradicionais utilizam classificações próprias para identificar e organizar espécies vegetais, a ciência moderna adota sistemas baseados em suas aplicações medicinais, místicas, ornamentais ou alimentares (FERREIRA; PASA; NUNEZ, 2020).

A relevância da integração entre saberes tradicionais e científicos amplia a base de validação e aprimoramento das práticas fitoterápicas. Estudos sobre plantas medicinais são essenciais para documentar e registrar esses recursos, assegurando que os saberes tradicionais sejam reconhecidos como parte do patrimônio cultural e científico. A confiança nas propriedades medicinais dessas plantas é um fator determinante para sua ampla adoção,

especialmente em regiões com acesso restrito a medicamentos sintéticos (ALMEIDA *et al.* 2020).

A relação entre o conhecimento tradicional e a diversidade de espécies cultivadas em quintais e jardins constitui um dos eixos centrais da etnobotânica contemporânea. Estudos recentes evidenciam que a transmissão intergeracional de saberes locais constitui um mecanismo essencial para a conservação da biodiversidade e para a continuidade das práticas de medicina tradicional, pois permite a manutenção de espécies e saberes adaptados a contextos socioculturais específicos (SANTOS, 2022). Essa dinâmica de transmissão cultural reflete não apenas a preservação de técnicas agrícolas e terapêuticas, mas também a consolidação de uma memória biocultural coletiva, que integra valores simbólicos, religiosos e ambientais.

Em perspectiva complementar, observa-se que a medicina baseada em plantas medicinais ocupa papel estratégico na atenção primária à saúde, sobretudo em contextos em que o acesso aos serviços médicos é limitado. Pesquisas demonstram que o uso de espécies vegetais apresenta eficácia comprovada no tratamento de enfermidades leves e moderadas, como resfriados, diarreias e distúrbios gastrointestinais, reforçando a relevância dessas práticas no enfrentamento de problemas cotidianos de saúde (SORIA, 2021). Assim, o conhecimento empírico acumulado por comunidades tradicionais vem sendo progressivamente reconhecido como um patrimônio cultural e científico de grande valor.

A utilização de plantas medicinais por comunidades ribeirinhas, costeiras, indígenas e quilombolas revela uma prática ancestral que transcende o aspecto curativo, expressando uma profunda interação entre o ser humano e o ambiente natural. Essa tradição milenar consolidou-se como base para o desenvolvimento de diversos saberes técnicos e científicos no campo da saúde, contribuindo para a formulação de modelos terapêuticos alternativos e sustentáveis (SOUZA *et al.*, 2018). O caráter empírico dessas práticas, aliado à observação contínua dos ciclos naturais, possibilitou o acúmulo de conhecimentos farmacológicos que hoje subsidiam investigações acadêmicas e biotecnológicas.

A valorização das práticas tradicionais vai além da conservação ambiental, constituindo-se em um processo de reconhecimento de seu papel estratégico na promoção da saúde pública e na sustentabilidade social. A integração entre o saber tradicional e a ciência moderna deve ser concebida como uma relação dialógica e colaborativa, em que a complementaridade dos conhecimentos potencializa tanto a pesquisa científica quanto a autonomia cultural das comunidades envolvidas. Dessa forma, políticas públicas voltadas à saúde e à conservação ambiental precisam incorporar e legitimar essas práticas, promovendo um diálogo interdisciplinar e intercultural que fortaleça a sustentabilidade dos recursos naturais e reconheça a diversidade biocultural como patrimônio coletivo da humanidade.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

### 2.1 AREA DE ESTUDO

A comunidade de Caratateua faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio Caeté e está localizada a cerca de 16 km da sede municipal de Bragança (PA), nas coordenadas 0°59'45"S e 46°43'21"W, com área aproximada de 2.800 km<sup>2</sup>. Limita-se com Rio Grande, Vila dos Lucas, Taquandeu e Treme. De acordo com o Censo de 2022, possui 5.769 habitantes, com distribuição equilibrada entre homens e mulheres. Banhada pelo Rio Caeté e cercada por manguezais, a comunidade tem acesso tanto por via fluvial, com embarcações tradicionais, quanto por via terrestre, pela BR-308 e estradas vicinais que a ligam a outras localidades.

A base econômica da comunidade está centrada na pesca artesanal, com destaque para a captura de crustáceos, moluscos e peixes, além da agricultura de subsistência. A renda familiar é complementada por programas de transferência de renda do governo federal, evidenciando

uma economia fortemente ligada aos recursos naturais e ao trabalho comunitário (COSTA; OLIVEIRA; VIEIRA, 2024). No campo da infraestrutura social, a comunidade conta com serviços básicos de saúde e educação. O setor educacional é atendido por duas escolas: a Escola Municipal Padre Ângelo, que oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental I, e a Escola Estadual Albino Cardoso, responsável pelo Ensino Fundamental II e Ensino Médio. A reforma recente desta última ampliou o acesso à educação, permitindo que os estudantes concluam o ensino básico sem precisar se deslocar para outras localidades.

Na área da saúde, a reforma do posto de atendimento trouxe avanços importantes, garantindo consultas, acompanhamentos e orientações médicas durante a semana. Essa estrutura reduz deslocamentos para centros urbanos e melhora o acesso aos serviços básicos, fortalecendo a qualidade de vida local. No entanto, o transporte ainda é um desafio, com apenas um ônibus em horários fixos (6h, 12h e 18h) ligando Caratateua a outras comunidades e à cidade. A distância em relação ao centro urbano contribui para a preservação de práticas tradicionais, como o cultivo de plantas medicinais nos quintais, saber transmitido entre gerações e fundamental para o cuidado com a saúde. Esses quintais representam um patrimônio sociocultural, garantindo autonomia e fortalecendo a identidade comunitária diante do isolamento geográfico.

A comunidade apresenta condições ambientais e culturais particularmente propícias para o estudo das plantas medicinais, em razão de sua rica biodiversidade, do clima equatorial úmido com estações bem definidas e da forte relação entre os moradores e os recursos naturais. A presença de quintais produtivos, onde famílias cultivam e coletam espécies utilizadas no tratamento de diferentes enfermidades, evidencia a integração entre conhecimento tradicional e manejo ambiental sustentável.

A escolha das espécies empregadas nos cuidados de saúde é influenciada por fatores ecológicos e culturais. As plantas são selecionadas conforme sua disponibilidade no ambiente, capacidade de adaptação ao clima e ao solo, e eficácia terapêutica reconhecida pela comunidade. O uso de terra preta resultante da queima e decomposição de folhas e madeira como adubo natural reforça práticas agrícolas tradicionais que favorecem a manutenção desses quintais produtivos. Dessa forma, a biodiversidade local é não apenas preservada, mas também integrada ao cotidiano, fortalecendo a relação entre saúde, cultura e território.

## 2.2 METODOLOGIA

A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa descritiva, buscando compreender as práticas e significados relacionados ao uso de plantas medicinais na comunidade de Caratateua. O estudo integrou o projeto “Bacia do Caeté”, que tem como objetivo analisar aspectos socioambientais e culturais das comunidades inseridas na bacia hidrográfica do rio Caeté. A coleta de dados ocorreu em campo, por meio da interação direta com os moradores locais, possibilitando o registro de conhecimentos tradicionais em seu contexto sociocultural. A amostragem correspondeu, no mínimo, a 10% das famílias da comunidade, garantindo observar a diversidade no uso das espécies e representatividade. A seleção dos participantes baseou-se na vivência e no conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, priorizando informantes-chave reconhecidos pela comunidade como cuidadores de saúde coletiva.

Inicialmente, aplicou-se a técnica de *free listing* para identificar as espécies mais utilizadas e seus respectivos usos terapêuticos em cada residência. Em seguida, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com o objetivo de detalhar os modos de preparo e administração das espécies. As informações foram complementadas por registros fotográficos e pela coleta de amostras vegetais, posteriormente prensadas e enviadas ao Laboratório de Educação, Meio Ambiente e Saúde (LEMAS) para secagem, identificação e catalogação. O estudo seguiu as

diretrizes éticas do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (Parecer nº 4.081.101). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e as entrevistas ocorreram nas residências, em ambiente reservado, garantindo privacidade e respeito.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 DIVERSIDADE BOTÂNICA E USOS MEDICINAIS EM CARATATEUA

Na comunidade de Caratateua, percebe-se que os quintais são verdadeiros bancos de recursos vegetais medicinais, onde natureza e saber tradicional se entrelaçam. Foram registradas 51 espécies de plantas medicinais, distribuídas em 25 famílias botânicas (Quadro 1). As famílias Lamiaceae, Asteraceae e Euphorbiaceae apresentaram maior representatividade, tanto pelo número de espécies quanto pelo uso frequente nas práticas de saúde. Esse padrão acompanha outras pesquisas etnobotânicas na Amazônia, que também destacam essas famílias como amplamente utilizadas, especialmente pela presença de espécies aromáticas e de fácil cultivo (CONCEIÇÃO *et al.*, 2023; SILVA; LEONE; CELLA, 2022).

No que se refere à origem das espécies, 47% são nativas e 53% exóticas, revelando um equilíbrio entre o uso da flora local e a incorporação de espécies introduzidas ao longo do tempo. Essa integração reflete a dinâmica cultural viva das comunidades amazônicas, nas quais plantas exóticas, como o boldo (*Plectranthus barbatus*) e o hortelã grande (*Plectranthus amboinicus*) tornam-se parte do cotidiano terapêutico. Padrões semelhantes foram encontrados em outras regiões do Pará e do Amazonas (CONCEIÇÃO *et al.*, 2023; SANTOS, 2023). Já a expressiva presença de espécies nativas reforça a importância da biodiversidade amazônica como fonte essencial de saúde e de preservação de saberes tradicionais.

Quanto ao hábito das espécies, 51 % são herbáceas, 43 % arbustivas e apenas 6 % arbóreas. O predomínio das ervas está relacionado à facilidade de cultivo, crescimento rápido e menor exigência de espaço, características ideais para os quintais familiares. Esse padrão também foi observado em outras comunidades amazônicas, onde as ervas dominam os espaços domésticos de uso medicinal (SANTOS, 2023; SILVA; LEONE; CELLA, 2022). A menor frequência de árvores pode estar ligada à necessidade de áreas maiores e ao tempo prolongado de crescimento, o que dificulta seu manejo nos quintais.

Quadro 1. Plantas Medicinais em Caratateua (Bragança- Pa)

NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA/ GÊNERO	NOME VERNACULAR	PARTE UTILIZADA	FORMA DE PREPARO	DOENÇA (designação vernacular)
<i>annabis sativa</i> L.	<i>Cannabaceae/ Cannabis</i>	Birra/ Maconha	Folha	Chá/ Macerado no álcool	Derrame
<i>Ruta graveolens</i> L.	<i>Rutaceae Juss. / Ruta</i>	Arruda/ Arruda do sertão	Folha	Chá/ Macerado no álcool/ Banho	Dor na cabeça/ Derrame
<i>Apium graveolens</i> L.	<i>Apiaceae/ Apium</i>	Aipo	Folha	Chá/ Macerado no álcool/ Banho	Derrame

<i>Origanum majorana</i> L.	<i>Lamiaceae/ Origanum</i>	Manjerona	Folha	Chá/ Macerado no álcool/ Banho	Dor na cabeça/ Derrame
<i>Alcea rósea</i>	<i>Malvaceae/ Alcea</i>	Malva-rosa	Folha	Banho	Dor na cabeça/ Derrame
<i>Aeollanthus suaveolens</i>	<i>Asteraceae/ Aeollanthus</i>	Catinga de mulata	Folha	Chá/ Macerado no álcool/ Banho	Febre/ Gripe/ Derrame/ Bronquite
<i>Mentha piperita</i> L.	<i>Lamiaceae/ Mentha</i>	Hortelãzinho/ Hortelã menino	Folha	Chá	Cólica/ dor na Barriga
<i>Petiveria alliacea</i> L.	<i>Phytolacaceae/ Petiveria</i>	Mucuracá/ tipicaí	Folha/ Raiz	Banho	Dor na cabeça/ Dor no corpo
<i>Justicia pectoralis</i> Jaq.	<i>Acanthaceae/ Justicia</i>	Trevo-cumarú	Folha	Banho/ Amassado	Gripe/ Dor no ouvido
<i>Eupatorium triplinerve</i> Vahl	<i>Asteraceae/ Eupatorium</i>	Japana-roxa	Folha	Banho	Derrame
<i>Piper umbellatum</i> L.	<i>Piperaceae/ Piper</i>	Arraia/ Pariparoba	Folha	Banho	Enzypra (Infecção bacteriana)
<i>Gossypium arboreum</i> L.	<i>Malvaceae / Gossypium</i>	Algodão roxo	Folha	Amassado	Gripe
<i>Tagetes erecta</i>	<i>Asteraceae/ tagetes</i>	Cravo-de- defunto	Folha/ Flor	Macerado no álcool/ Banho	Sinusite/ Constipação na cabeça
<i>Dysphania ambrosioides</i>	<i>Amaranthaceae/ Dysphania</i>	Mastruz	Folha	Chá/ Amassado/ Macerado no álcool	Tosse/ Limpar Pulmão
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart.	<i>Celastraceae/Maytenus</i>	Espinheira Santa	Folha	Chá	Gastrite
<i>Plectranthus amboinicus</i>	<i>Lamiaceae/ plectranthus</i>	Hortelã grande	Folha	Chá/ Amassado	Gripe/ Dor de cólica/ Cansaço no corpo
<i>Vitex agnus-castus</i> L.	<i>Lamiaceae/ Vitex</i>	Pau da angola/ Alecrim da angola	Folha	Banho	Gripe/ Derrame
<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	<i>Poaceae/ Coix</i>	Cordão de Santa Luzia	Semente	Chá	Coração
<i>Pereskia aculeata</i>	<i>Cactaceae/ Pereskia</i>	Ora-pro-nóbis	Folha	Chá	Coração/ Câncer/ Colesterol
<i>Mentha arvensis</i> L. var. <i>Piperascens</i> Holmes.	<i>Lamiaceae/ Mentha</i>	Vick	Folha	Amassado	Gripe/ Dor na cabeça
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrew.	<i>Lamiaceae/ Plectranthus</i>	Boldo	Folha	Chá	Dor na Barriga/ Gastrite/ Fígado
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	<i>Asteraceae/ Tanacetum</i>	Pluma	Folha	Macerado no álcool/ Banho	Derrame

<i>Vernonia condensata</i>	<i>Lamiaceae/ Vernonia</i>	Boldo grande/ Alumã	Folha	Chá	Dor na Barriga/ Fígado
<i>Bryophyllum pinnatum (Lam.) Oken</i>	<i>Crassulaceae/ Bryophyllum</i>	São Raimundo	Folha	Chá/ Amassado	Câncer/ Gripe
<i>Jatropha sp. L</i>	<i>Euphorbiaceae/ Jatropha</i>	Pião Pajé	Folha	Macerado no álcool/ Banho	Dor na Cabeça
<i>Ocimum basilicum L.</i>	<i>Lamiaceae/ Ocimum</i>	Manjeriçã	Folha	Banho/ Amassado	Gripe/ Cansaço no Corpo
<i>Kalanchoe daigremontiana</i>	<i>Crassulaceae/ Kalanchoe</i>	Aranto	Folha	Batido	Câncer
<i>Lavandula angustifolia</i>	<i>Lamiaceae/ Lavandula</i>	Alfazema	Folha	Chá/ Banho	Dor no Corpo
<i>Lippia alba</i>	<i>Verbenaceae/ lippia</i>	Carmelitana	Folha	Chá	Prisão de ventre
<i>Aloe arborescense</i>	<i>Asphodelaceae/ Aloe</i>	Babosa	Folha	Amassado/ Batido pro lambedor	Câncer/ Intestino/ Gripe
<i>Zingiber officinale</i>	<i>Zingiberaceae/ Zingiber</i>	Gengibre	Raiz	Chá/ Ralado/ Macerado no álcool	Gripe/ Reumatismo/ Catarro no peito
<i>Cyperus articulatus L.</i>	<i>Cyperaceae/ Cyperus</i>	Pipirioca/ priprioca	Raiz	Chá/ Banho	Dor no corpo/ Disenteria intestinal
<i>Leonotis nepetifolia</i>	<i>Lamiaceae/ Leonotis</i>	Cordão de frade	Folha	Chá	Dor nos Ossos
<i>Synadenium grantii.</i>	<i>Euphorbiaceae/ Synadenium</i>	Janaúba	Látex (Leite)	Látex (Aplicar diretamente no ferimento)	Cicatrizante
<i>Ayapana triplinervis (M. Vahl) R.M.King &amp; H.Rob.</i>	<i>Asteraceae/ Ayapana</i>	Japana verde	Folha	Macerado no álcool	Esipra (Infecção bacteriana)
<i>Jasminum sp.</i>	<i>Oleaceae/ Jasminum</i>	Jasmim	Látex (Leite)	Emplasto	Cicatrizante
<i>Ocimum gratissimum</i>	<i>Lamiaceae/ Ocimum</i>	Favacão/ Alfavaca	Folha	Amassado/ Banho	Gripe/ Dor de cabeça
<i>Pedilanthus tithymaloides</i>	<i>Euphorbiaceae/ Pedilanthus</i>	Coromina	Folha	Chá	Coração
<i>Piper callosum Ruiz &amp; Pav.</i>	<i>Piperaceae/ Piper</i>	Elixir Paregórico	Folha	Chá	Dor na Barriga
<i>Pogostemon heyneanus Benth.)</i>	<i>Lamiaceae/ Pgostemon</i>	Oriza	Folha	Banho/ Chá	Gripe/ Dor de cabeça/ Derrame
<i>Arrebidaea chica Verlot.</i>	<i>Bignoniaceae/ Arrebidaea</i>	Pariri	Folha	Chá	Anemia
<i>Turnera subulata L.</i>	<i>Turneraceae/ Turnera</i>	Chanana	Folha	Chá	Infecção Urinaria/ Pedra no Rim/ Gordura no Fígado

<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	<i>Euphorbiaceae/ Jatropha</i>	Pião roxo	Látex (Leite)	Emplasto/ Látex	Anti- flamatório/ Cicatrizante
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	<i>Malvaceae/ Hibiscus</i>	Vinagreira roxa	Folha	Amassado	Dor de cabeça/ Frieira
<i>Stachytarpheta cayennensis</i>	<i>Verbenaceae/ Stachytarpheta</i>	Gervão	Folha	Chá	Dor na Barriga/ Tosse
<i>Cichorium intybus</i>	<i>Asteraceae/ Cichorium</i>	Chicória	Raiz	Chá	Dor de parto
<i>Scoparia dulcis</i> L.	<i>Plantaginaceae/ Scoparia</i>	Vassourinha	Raiz/ Folha	Chá	Infecção Urinária
<i>Costus spiralis</i>	<i>Costaceae/ Costus</i>	Canarana	Caule	Chá	Infecção Urinária
<i>Alternanthera brasiliiana</i> (L.) Kuntze	<i>Amaranthaceae/ Alternanthera</i>	Cibalena	Folha	Chá	Dor no Corpo
<i>Morus nigra</i>	<i>Moraceae/ Morus</i>	Amoreira	Folha	Chá	Diabete
<i>Pereskia bleo</i>	<i>Cactaceae/ Pereskia</i>	Ora-pro-nóbis	Folha/ Látex (Leite)	Chá	Câncer/ Diabete

A representatividade das famílias botânicas encontradas indica uma forte adaptação ecológica das espécies aos ambientes domésticos amazônicos, evidenciando tanto a frequência de uso quanto o fácil acesso às plantas cultivadas nos quintais. A ampla presença dessas famílias demonstra que a escolha das espécies está relacionada à eficiência terapêutica comprovada pela experiência empírica e à sua disponibilidade em diferentes períodos do ano, fatores essenciais à manutenção das práticas de autocuidado nas comunidades rurais. Esse padrão de uso também se relaciona à aromaticidade e à presença de metabólitos bioativos, como óleos essenciais, flavonoides e terpenos, substâncias que conferem propriedades anti-inflamatórias, antimicrobianas e expectorantes às espécies mais utilizadas. Tal evidência reforça a correspondência entre o conhecimento popular e os fundamentos da farmacognosia, validando a sabedoria empírica acumulada ao longo das gerações.

O equilíbrio entre espécies nativas (47%) e exóticas (53%) reflete a transculturalidade amazônica, marcada pelas trocas históricas entre populações indígenas, afrodescendentes e coloniais. Esse diálogo intercultural demonstra que o uso de plantas exóticas não elimina o valor do conhecimento local, mas amplia o repertório terapêutico, configurando-se como expressão da resiliência cultural, processo no qual novas espécies são incorporadas aos sistemas tradicionais sem substituir os saberes ancestrais (MEDEIROS *et al*, 2017). O saber tradicional, nesse contexto, atua de forma adaptativa ao eco/ssistema amazônico, respondendo às condições climáticas, sanitárias e ambientais locais. As práticas fitoterápicas emergem como estratégias de enfrentamento frente às limitações de acesso aos serviços de saúde, reafirmando a importância da biodiversidade como fonte de cura e autonomia comunitária.

As mulheres desempenham papel central na manutenção e transmissão desses saberes. Elas são mediadoras entre natureza e cuidado, responsáveis por ensinar às novas gerações as práticas de uso, preparo e cultivo das espécies medicinais. O modelo de transmissão oral adotado em Caratateua garante a continuidade cultural, e também revela a necessidade de políticas públicas voltadas à preservação e registro desses conhecimentos, de modo que não se percam diante das transformações socioculturais. Por fim, destaca-se a importância de estudos fitoquímicos complementares sobre as espécies mais utilizadas, a fim de garantir a segurança e eficácia de seus usos terapêuticos. A valorização dos saberes tradicionais como ciência viva é essencial para consolidar práticas sustentáveis de saúde e conservação, integrando o

conhecimento popular amazônico às políticas de saúde integrativa e à preservação da biodiversidade regional.

Quadro 2 – Espécies por finalidade terapêutica

FINALIDADE TERAPÊUTICA	Nº DE ESPÉCIES CITADAS	ESPÉCIES CITADAS
Acidente Vascular Cerebral (AVC)	10	Birra/Maconha, Arruda, Aipo, Manjerona, Malva-rosa, Catinga de mulata, Japana-roxa, Pau da angola, Pluma, Oriza
Dor de cabeça	8	Arruda, Manjerona, Malva-rosa, Mucuracaá, Catinga de mulata, Pião Pajé, Vick, Favacão
Gripe / Tosse / Constipação	14	Catinga de mulata, Trevo-cumaru, Hortelã grande, Pau da angola, Algodão roxo, Cravo-de-defunto, Mastruz, São Raimundo, Manjericão, Babosa, Gengibre, Favacão, Oriza
Infecções (bacteriana / urinária / sinusite / rim / etc.)	6	Arraia (Pariparoba), Japana verde, Cravo-de-defunto, Chanana, Vassourinha, Canarana
Cólica / Dor de barriga / Intestino	7	Hortelãzinho, Hortelã grande, Boldo, Boldo grande (Alumã), Carmelitana, Elixir Pargórico, Gervão
Coração / Pressão / Colesterol	3	Cordão de Santa Luzia, Ora-pro-nóbis, Coromina,
Câncer	4	Ora-pro-nóbis, São Raimundo, Aranto, babosa
Ferimentos / Cicatrizante / Anti-inflamatório	4	Janaúba, Jasmim, Pião roxo, Japana verde
Gastrite / Fígado / Estômago	3	Espinheira santa, Boldo, Boldo grande (alumã)
Reumatismo / Dor no corpo / Ossos / Cansaço	5	Mucuracaá, Gengibre, Cordão de frade, Hortelã grande, Manjericão
Anemia	1	Pariri
Diabetes	2	Amoreira, Ora- pro-nóbis
Prisão de ventre	1	Carmelitana
Dor de parto	1	Chicória
Outros (Febre, frieira, cansaço, catarro, gordura no fígado etc.)	4	Catinga de mulata (febre), Vinagreira roxa (frieira), Gengibre (catarro), Chanana (gordura no fígado)

A análise dos dados apresentados no Quadro 2 revela um sistema terapêutico local amplamente diversificado, refletindo a complexidade e a riqueza do conhecimento fitoterápico tradicional. Observa-se a presença de 73 registros de uso distribuídos entre diferentes categorias de finalidades terapêuticas, com variação significativa no número de espécies citadas por grupo. A categoria Gripe/Tosse/Constipação apresenta o maior número de espécies (n=14), seguida por usos relacionados ao Acidente Vascular Cerebral (AVC) (n=10), dor de cabeça (n=8) e distúrbios gastrointestinais como cólicas e dores abdominais (n=7). Esses achados indicam que condições respiratórias e digestivas representam preocupações frequentes no cotidiano local, refletindo padrões epidemiológicos comuns em regiões amazônicas, onde fatores ambientais e climáticos influenciam a ocorrência dessas enfermidades.

Também se destaca a existência de um repertório considerável de plantas utilizadas para

tratamentos complexos, como AVC e câncer. No caso do AVC, a presença de 10 espécies pode estar associada mais a práticas voltadas à prevenção ou ao manejo de sintomas secundários do que ao tratamento direto do evento cerebrovascular, sugerindo uma interpretação ampliada da categoria pela comunidade. Para o câncer, espécies como aranto e babosa demonstram a circulação de saberes populares de abrangência nacional e internacional, reforçando o caráter intercultural do sistema medicinal local.

As categorias intermediárias, com 3 a 5 espécies, concentram plantas de uso tradicional para fins anti-inflamatórios, cicatrizantes e para manejo de dores musculares ou reumáticas, indicando a valorização de espécies com propriedades comprovadamente associadas à redução de inflamações e alívio sintomático. Já as categorias com baixa diversidade, representadas por 1 ou 2 espécies, como anemia (Pariri), prisão de ventre (Carmelitana) e diabetes (Amoreira e Ora-pro-nóbis) evidenciam conhecimentos dirigidos, nos quais determinadas plantas possuem maior eficácia reconhecida e são culturalmente legitimadas para usos específicos.

De modo geral, o quadro revela que a farmacopeia local combina espécies nativas amazônicas com plantas exóticas amplamente difundidas, como gengibre, boldo e babosa. Essa coexistência demonstra a capacidade adaptativa e a resiliência cultural dos sistemas tradicionais de saúde, que integram novos recursos vegetais sem substituir saberes ancestrais. Além disso, a recorrência de espécies aromáticas (arruda, manjerona, hortelãs, manjeriço) em diferentes categorias reforça sua multifuncionalidade terapêutica e sua relevância no cuidado cotidiano.

Assim, a diversidade e a distribuição das espécies citadas evidenciam um sistema medicinal dinâmico, fundamentado na experiência intergeracional e na integração entre conhecimentos tradicionais e práticas incorporadas por meio de trocas culturais. Esse padrão confirma a centralidade da fitoterapia no cuidado comunitário e a importância da conservação desses saberes para compreensão das estratégias locais de promoção da saúde.

#### 4 CONCLUSÃO

Os quintais medicinais da comunidade de Caratateua representam um importante patrimônio biocultural, onde a diversidade vegetal e os saberes tradicionais se entrelaçam de forma viva e dinâmica. As espécies cultivadas refletem não apenas a riqueza da flora amazônica, mas também a capacidade de adaptação e a criatividade cultural da população local, que integra plantas nativas e exóticas em suas práticas cotidianas de cuidado com a saúde.

O predomínio das ervas e das folhas como principal recurso terapêutico revela uma relação prática e acessível com a natureza, marcada por conhecimentos transmitidos oralmente ao longo de gerações. As formas de preparo, especialmente os chás e banhos, expressam não só a funcionalidade desses saberes, mas também sua dimensão simbólica e cultural, profundamente enraizada no modo de vida comunitário. Além do valor terapêutico, esses quintais fortalecem a autonomia das famílias frente às limitações dos serviços de saúde e reafirmam a identidade cultural amazônica.

O papel das mulheres como guardiãs desse conhecimento ancestral é central para a preservação e continuidade dessas práticas. Assim, mais do que simples espaços produtivos, os quintais medicinais configuram-se como territórios de resistência, memória e cuidado coletivo, essenciais para pensar estratégias de saúde integrativa e conservação da biodiversidade na Amazônia.

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. *et al.* **Inter-relações no cuidado com as plantas medicinais “vem de berço”**. Enfermería (Montevideo) [online], v. 9, n. 2, p. 229-242, 2020. Disponível em:

[http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S239366062020000200229&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S239366062020000200229&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 20 fev. 2025.

BADKE, M. R. *et al.* Saberes e práticas populares de cuidado em saúde como o uso de plantas medicinais. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 21, n. 2, p. 367-370, 2012.

BATISTA, L. M.; VALENÇA, A. M. A. Fitoterapia no âmbito da Atenção Básica no SUS: realidades e perspectivas. **Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada**, v. 12, p. 293-296, 2012.

BRASIL. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)**. RDC nº 26, de 13 de maio de 2014: Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos. Brasília: ANVISA, 2014. Disponível em: <https://anvisa.gov.br/legis/datalegis.net/action/ActionDatalegis.php?acao=abrirTextoAto&numeroAto=00000026&orgao=RDC%2FDC%2FANVISA%2FMS&tipo=RDC&valorAno=2014>. Acesso em: 20 fev. 2025.

CALIXTO, J. B. Biodiversidade como fonte de medicamentos. **Ciência e Cultura**, v. 55, p. 37-39, 2003.

CONCEIÇÃO, C. C. C. da *et al.* Desenvolvimento da agrobiodiversidade: estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Boa Esperança, no município de São João de Pirabas, Pará. **Biodiversidade Brasileira**, v. 13, n. 2, p. 1-14, 2023. DOI: 10.37002/biobrasil.v13i2.2267. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/371627392>. Acesso em: 18 set. 2025.

CORREA, Gilvan Veloso; MORAES, Jones Souza; CORREA, Gildan Veloso; BLANDTT, Lucinaldo da Silva; RAMOS, João Batista Santiago; RODRIGUES, Elias Mauricio S.; SILVA, Iracely Rodrigues da. Uso etnofarmacológico do boldo (*Plectranthus neochilus*) no manejo de doenças gastrointestinais em Bacuriteuá (Pará). **Revista ReGeo**, v. 16, n. 4, 2025. DOI: 10.56238/revgeov16n4-055. Disponível em: <https://revistageo.com.br/revista/article/view/698>. Acesso em: 10 out. 2025.

CORREA, Gilvan Veloso; SILVA, Gabrielle Nazaré F.; CORREA, Renan José C.; CORREA, Gildan Veloso; BLANDTT, Lucinaldo da Silva; RAMOS, João Batista Santiago; UARROTA, Virgílio Gavicho; SILVA, Iracely Rodrigues. Potencial terapêutico de *Ocimum selloi* Benth. em problemas gastrointestinais em Bacuriteuá, Amazônia (PA). **Revista Aracê**, v. 7, n. 9, p. 1-14, 2025. DOI: 10.56238/arev7n9-156.

COSTA, Cleonilson Rosário da; OLIVEIRA, Marcelo do Vale; VIEIRA, Norma Cristina. **O futuro da Amazônia são as comunidades e os saberes tradicionais**: a catação de caranguejo em Caratateua, Bragança, Amazônia oriental. **OPSIS**, v. 22, n. 2, 2024. DOI: 10.61470/o.v22i2.74790. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/Opsis/article/view/74790>. Acesso em: 29 ago. 2025.

MAGALHÃES, João Victor Barros de; SILVA, Anderson Rafael da; LEMOS, Isabela Nunes. **Do Conhecimento Popular Ao Científico**: a utilização de plantas medicinais como forma de valorizar a cultura dos povos tradicionais no ensino da química. *I Conenorte*, mar. 2024. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conenort/2024/TRABALHO\\_COMPLETO\\_EV204](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conenort/2024/TRABALHO_COMPLETO_EV204)

\_MD4\_ID3115\_TB376\_24042024205909.pdf?utm\_source=chatgpt.com. Acesso em: 05 fev. 2025.

FERREIRA, A. L. de S.; PASA, M. C.; NUNEZ, C. V. A etnobotânica e o uso de plantas medicinais na Comunidade Barreirinho, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. **Interações**, v. 21, n. 4, 2020.

GUDYNAS, Eduardo. **Buen Vivir: today's tomorrow**. *Development*, v. 54, n. 4, p. 441-447, 2011.

IBIAPINA, W. V. *et al.* Inserção da fitoterapia na atenção primária aos usuários do SUS. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 12, p. 60-70, 2014.

MEDEIROS, Patrícia Muniz de; FERREIRA JÚNIOR, Washington Soares; RAMOS, Marcelo Alves; SILVA, Taline Cristina da; LADIO, Ana Haydée; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino. Why do people use exotic plants in their local medical systems? A systematic review based on Brazilian local communities. **PLOS ONE**, v. 12, n. 9, e0185358, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0185358>. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0185358>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MORAES, J. S. *et al.* O uso da planta *Cissus verticillata* (Insulina) no tratamento do diabetes mellitus em uma comunidade costeira do Pará, Amazônia, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. 1-23, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.4273.

PINTO, E. P. P.; AMOROSO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.

RODRIGUES, A. G.; AMARAL, A. C. F. **Práticas integrativas e complementares** – plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica. Série A: Normas e Manuais Técnicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticas\\_integrativas\\_complementares\\_plantas\\_medicinais\\_cab31.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticas_integrativas_complementares_plantas_medicinais_cab31.pdf). Acesso em: 20 out. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologies of the South: justice against epistemicide**. Boulder: Paradigm Publishers, 2010.

SANTOS, D. L. *et al.* Fitoterapia tradicional em uma comunidade do nordeste do Pará: o uso de *Eleutherine plicata* Herb. no tratamento da amebíase. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. 1-24, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.4539.

SANTOS, Igor Tourinho dos. **Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas por estudantes indígenas da Comunidade Umariacú II, Tabatinga, Amazonas**. 2023. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências: Biologia e Química) — Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant, 2023. Disponível em: <https://rii.ufam.edu.br/handle/prefix/7820>. Acesso em: 18 set. 2025.

SANTOS, M. Saberes bioculturais e desenvolvimento sustentável na Amazônia. **Revista Brasileira de Sustentabilidade**, v. 20, n. 3, p. 10-25, 2022.

SHARIF, A. et al. Usos etnomedicinais de plantas para várias doenças nas áreas remotas da Floresta Changa Manga, Paquistão. **Revista Brasileira de Biologia** [online], v. 84, 2024.

SILVA, G. N. F. et al. O uso da planta “Canarana” (*Costus arabicus* L.) no tratamento de cálculo renal em uma comunidade tradicional do nordeste paraense – Amazônia – Brasil. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. 1-23, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.5637.

SILVA, G. N. F. et al. Usage of *Luehea divaricata* Mart. by an Amazonic traditional community and its antidiabetic potential. **Revista Aracê**, v. 6, n. 4, p. 19276-19293, 2024. DOI: 10.56238/arev6n4-486.

SILVA, Wagner de Jesus; DA SILVA-CASTRO, Milena Maria da. Conhecimento quilombola e as plantas medicinais: recursos didáticos para o ensino de ciências. **Odere: Revista Internacional de Relações Étnicas**, v. 4, n. 8, p. 364-379, 2019. DOI: 10.22481/odeere.v4i8.5769. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/odeere/article/view/5769>. Acesso em: 23 out. 2025.

SILVA, Zilmara Guedes da; LEONE, Fernanda Regis; CELLA, Wilsandrei. Conhecimento etnobotânico sobre plantas medicinais utilizadas por moradores de uma cidade ribeirinha no interior do Estado do Amazonas, Brasil. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 26, n. 1, 2022. DOI: 10.25110/arqsaude.v26i1.2022.8378. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/8378>. Acesso em: 18 set. 2025.

SORIA, R. N. Plantas usadas em infecções digestivas no Paraguai. **Revista da Sociedade Científica do Paraguai** [online], p. 163-176, 2021. Disponível em: [http://scielo.iics.una.py/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S261747312021000200163&lng=en&nrm=iso](http://scielo.iics.una.py/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S261747312021000200163&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 08 mar. 2025.

SOUZA, B. S. *et al.* Fungos endofíticos associados à planta medicinal corama (*Kalanchoe pinnata* [Lam.] Pers.). **Desafios: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 5, n. 3, p. 30-45, 2018.

TOLEDO, Víctor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.